



Sobre a recepção canibal de uma tragédia perdida

Une reception cannibale d'une tragédie perdue

A cannibal reception of a lost tragedy

Fernando Santoro¹

e-mail: fsantoro68@gmail.com

orcid: <http://orcid.org/0000-0001-6923-0531>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v8i2.38916>

RESUMO: São apresentados, neste artigo, alguns momentos de como se deu o processo de composição da tragédia *Penteu*, em três recortes narrativos: misto de vivências pessoais, de uma certa arqueologia filológica e do engajamento no teatro contemporâneo de viés antropofágico. Esta tragédia foi gestada em colaboração com o grupo extensionista “Teatro das Ideias Vivas”, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *Penteu* é uma recepção exuziaca da tragédia homônima de Ésquilo, perdida. Desta tragédia, restou apenas um verso: μηδ' αἵματος πέμφιγα πρὸς πέδῳ βάλῃς [“Nenhuma gota de sangue caísse sobre o pé”], citado por Galeno. Analisamos o genoma literário desta gota e o alimentamos com questões contemporâneas até gerar um drama trágico em uma inquietante ritualística que mistura elementos da linguagem de Ésquilo e dos ritos sincréticos da cultura do Rio de Janeiro. Utilizamos uma informação preciosa, escrita por Aristófanes de Bizâncio, o gramático, na hipótese de *As Bacantes*. Ele disse que Eurípides copiou para a composição de sua última tragédia o enredo de *Penteu*, o drama escrito por Ésquilo em homenagem a Dioniso libertador.

PALAVRAS-CHAVE: Ésquilo; *As Bacantes*; *Penteu*; Dioniso; teatro decolonial

ABSTRACT: This article presents a few moments in the work of composition of the tragedy *Pentheus*. They are shown in three discursive stages: first a mixture of personal memories, then certain philological archaeology and finally the contemporary theatrical engagement with an anthropophagic bias. This tragedy was managed in collaboration with the student group 'Teatro das Ideias Vivas', from the Federal University of Rio de Janeiro. *Pentheus* is a reception of the homonymous tragedy of Aeschylus, a lost text. This reception was done according to the idea of temporality that describes Eshu, the orisha who kills the bird yesterday with the pebble he throws today. Only one verse remains from the old tragedy, quoted by Galen: μηδ' αἵματος πέμφιγα πρὸς πέδῳ βάλῃς [“Not a single drop of blood shall fall on the foot”]. We have analysed the literary genome of this drop and fed it with contemporary questions until the tragic drama emerges in a ritual that mixes elements from the language of Aeschylus and the syncretic rites of Rio de Janeiro culture. We used invaluable information written by Aristophanes of Byzantium, the Grammarian, in *Bacchae*'s hypothesis. He said that Euripides had copied for the composition of his last tragedy the plot of *Pentheus*, the drama written by Aeschylus in homage to the redemption by Dionysus.

KEYWORDS: Aeschylus; *Bacchae*; *Pentheus*; Dionysus; decolonial theatre

¹ Professor de Filosofia Antiga da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Este artigo é fruto de pesquisa realizada no âmbito do acordo de cooperação internacional Capes/PrInt “Dicionário dos Intraduzíveis.” Agradeço o apoio da Capes e da Faculty of Humanities and Social Sciences da Oxford Brookes University no meu período como pesquisador visitante no Departamento de Ciências Sociais em 2019/2020. [I am grateful for the support of Capes and the Faculty of Humanities and Social Sciences at Oxford Brookes University during my time as a visiting researcher in the Department of Social Sciences in 2019/2020.]

RÉSUMÉ: Cet article présente quelques moments de la composition de la tragédie *Penthée*, en trois étapes discursives : d'abord un mélange d'expériences personnelles, puis une certaine archéologie philologique et finalement l'engagement théâtral contemporain à portée anthropophagique. Cette tragédie a été gérée en collaboration avec le groupe universitaire « Teatro das Ideias Vivas », de l'Université Fédérale de Rio de Janeiro. *Penthée* est une réception de la tragédie homonyme d'Eschyle, perdue. Cette réception se fait selon l'idée de temporalité qui décrit Eshu, l'orisha qui tue hier le gibier avec le caillou qu'il jette aujourd'hui. De l'ancienne tragédie, il ne reste qu'un vers, cité par Galène : μηδ' αἵματος πέμφιγα πρὸς πέδῳ βάλης [« Aucune goutte de sang ne tombe sur le pied »]. Nous avons analysé le génome littéraire de cette goutte et l'avons nourri de questions contemporaines jusqu'à ce que jaillisse un drame tragique dans un rituel qui mélange des éléments de la langue d'Eschyle et les rites syncrétiques de la culture de Rio de Janeiro. Nous avons utilisé une information précieuse, écrite par Aristophane de Byzance, le Grammairien, dans l'hypothèse des *Bacchantes*. Il a dit qu'Euripide avait copié pour la composition de sa dernière tragédie l'intrigue de Penthée, le drame écrit par Eschyle en hommage à la libération par Dionysos.

MOTS-CLÉS: Eschyle; *Bacchantes*; *Penthée*; Dionysos; théâtre décolonial



O que faz de uma obra de arte um clássico não é apenas o fato de que ela continua sendo apreciada em seu valor de beleza por épocas e épocas, distantes do tempo de sua concepção. Um clássico também é o que inspira os autores a reviver um esquema que pode ser reconhecido como estrutural e estruturante para os valores de uma cultura, e nela constitui uma tradição que se perpetua. A tragédia é, sem sombra de dúvidas, um gênero que atende a essa definição dúplici de clássico: tanto é apreciada pelas obras do passado, quanto estas continuaram e continuam a inspirar novas obras. A tragédia clássica é ao mesmo tempo um gênero que conservou obras imortais, como foram as peças de Ésquilo, Sófocles e Eurípides; assim como também conservou em obras subsequentes a forma de tratar dramaticamente valores estruturantes da civilização ocidental, como o horror ao incesto e ao assassinato de familiares. Desse modo, teremos, em vários Renascimentos ao longo da história, não apenas a leitura e a encenação de tragédias clássicas, como também novas tragédias, reescritas à moda e ao gosto de como esses esquemas estruturantes de enlace e desenlace, de amarração e livramento, se reconfiguram em épocas e autores diferentes. Teremos, por exemplo, uma tradição constituída pelas *Medeias* de Eurípides, de Ovídio, de Sêneca e de Paulo Pontes e Chico Buarque...

Há várias formas de recepção de uma tragédia clássica: remontagens, recriações, adaptações. O esquema estruturante pode ser revivido pela tradução integral do texto, ou por adaptações. Pode ser revivido apenas pelo enredo, o qual pode dar vez a diversas linguagens e diversos contextos de adaptação e de montagem. O esquema estruturante pode ser concentrado em uma figura trágica elementar reduzível a poucos sintagmas como “a mãe que mata os próprios filhos”, e passar para outros gêneros de obras literárias como romances ou canções, e mesmo para outras artes, como a escultura, a pintura, o cinema etc.

A recepção não é um ato servil de cópia, nem necessariamente um ato em honra e homenagem aos autores clássicos que são apropriados na nova obra. A recepção pode acontecer também de um modo conflituoso e crítico, em que não apenas se está mediatizando o fluxo dos valores e esquemas literários de uma tradição e civilização, mas os colocando em diálogo ou mesmo em choque com o novo momento, e até com outra civilização, outro povo, outra cultura e outros valores, que tratam de problemas que os afligem e que requisitam livramento. As recepções *antropofágicas* ou *decoloniais* enquadram-se neste último tipo. Paradigma de tais formas de recepção é *Uma Tempestade*, de Aimé Césaire, ao revirar as personagens escravizadas de *A Tempestade* de Shakespeare em heróis rebelados do Novo Mundo. Caliban canibal digeriu o Velho Mundo. Podemos lembrar que o próprio Shakespeare, instruído nos clássicos da latinidade, foi colher as artes mágicas de Próspero nas daquela Medeia inscrita nas *Metamorfoses* de Ovídio, que as aprendeu com os clássicos do helenismo, nas *Argonáuticas* de Apolônio, que por sua vez... A estrangeira Medeia também percorreu outros itinerários decoloniais, que a trouxeram desde a Atenas do quinto século antes de Cristo até o Rio de Janeiro do século vinte, desde a tragédia homônima de Eurípides até o *Anjo Negro* de Nelson Rodrigues, e a *Gota d'Água* de Chico Buarque e Paulo Pontes.

É outra a recepção antropofágica de que vamos tratar neste artigo, apesar de o mitema estruturante original ser o mesmo: “a mãe que sacrifica o filho”. Vamos contar algumas histórias da composição da tragédia *Penteu*, que escrevi com a preciosa colaboração do grupo extensionista “Teatro das Ideias Vivas”, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nosso *Penteu* é uma recepção exuziaca da tragédia homônima de Ésquilo, perdida e recuperada nas encruzilhadas da poesia dramática. Este artigo, à guisa de prefácio, conta alguns momentos de como se deu o processo de composição, misto de arqueologia filológica, engajamento no teatro contemporâneo e algumas vivências pessoais que uns podem atribuir ao acaso, mas os trágicos hão de atribuir ao fado e os ogans, ao encantamento.

A primeira história é um relato pessoal de livramento. Em junho de 2018, no sétimo ciclo de sete anos, fiz minha primeira peregrinação ao santuário de Delfos, onde libei ao Deus e curei a memória de meu luto materno. Não se vai ao templo sem consultar o oráculo, e este repetiu-me as últimas duas palavras da sentença oferecida a Oribásio de Pérgamo no ano de 362: *λάλον ὕδωρ*. Todos os que conhecem a história de Delfos sabem que essa sentença selava a voz da Pítia no seu último murmúrio, ao fim do reinado do imperador Juliano II, o apóstata. Mas as duas últimas palavras, desprovidas do verbo e de tudo o mais que as antecedia, ganhavam um sentido diferente. Sem dúvidas, o sentido era enigmático e requeria uma atitude hermenêutica. Completei as minhas obrigações em setembro do mesmo ano, na vindima do vinhedo *syrah* da família Di Prima, à beira do lago Arancio em Sambuca de Sicília. No dia de abertura da Dionisíaca, depois de contar e representar o esquartejamento do Deus menino, a primeira fala do simpósio foi sobre Baco Exu, de Raisia Inocência. Ao segundo dia, sobre o palco do Teatro Idea, foi representado *O Êxtase da Sibila* de Licia Cardillo. No terceiro dia, visitamos o sítio arqueológico descoberto no meio do Bosque da Resinata, e o batizamos com água, uva e oliva, dando-lhe o nome: *Palmento di Penteo*.

A segunda história é um relato da investigação histórica, arqueológica e filológica. No ano de 2017, Davide di Prima foi alertado por um camponês a respeito de uma pedra inquietante, no meio do bosque da Resinata, próximo ao Vale da Serpente, no caminho que leva do lago ao vinhedo da Pepita. Davide organizou as escavações e desenterrou um antigo lagar, com diferentes cubas escavadas na pedra da colina. Umas parecem mais rústicas e antigas, outras são tecnicamente mais rebuscadas, com encaixes para os suportes de uma prensa mecânica, sugerindo uma atividade vinícola intensa. Os peritos apontaram o século quarto antes de Cristo para a instalação. É provável que a região já produzisse vinho desde o século quinto. Davide encontrou no bosque também algumas vinhas selvagens, não paginadas, que os camponeses locais chamam de “*vignaccia*”, uma palavra pejorativa não pela qualidade da uva, mas pela dificuldade de serem colhidas, porque as velhas videiras ariscas sobem e se agarram nos troncos dos pinheiros e dos abetos.

No terraço da casa dos Amodeo, saboreávamos o Grillo del Lago, Tommaso e Constanza Amodeo, Rossella Cottone, Paolo Mannina, Luisa Buarque, Giovanni Casertano, Alessandra Vannucci e outros participantes da Dionisiaca. Entusiasmado, comentei que a visita ao sítio arqueológico me fizera sentir o bosque das *Bacantes* de Eurípides. Especulei entre os convivas que, sendo o rito do esquartejamento de Dioniso a representação simbólica da colheita da uva e do seu esmagamento para produzir o mosto, então aquele lagar no meio do bosque poderia ser simbolicamente um palco onde a cada ano o rito do esquartejamento era celebrado, nas suas diversas máscaras trágicas, como o Penteu esquartejado no Bosque das *Bacantes*. Rimos um pouco, porque Eurípides nunca estivera na Sicília, ainda que a paisagem mediterrânea pudesse repetir-se em outros lugares por onde viveu e se inspirou. Tommaso lembrou então que Eurípides não, mas Ésquilo passara pela região nos seus últimos anos e morrera em Gela. Lembramos inclusive a sua lendária morte, com a queda de um jabuti na cabeça. Rossella foi além, e contou que entre as tragédias perdidas de Ésquilo havia uma de nome *Penteu*. Naquela madrugada decidimos o nome para batizar o *palmento* do bosque da Resinata, o que foi feito na manhã seguinte.

De volta aos livros, fui pesquisar as notícias do *Penteu* de Ésquilo no *Tragicorum Graecorum fragmenta* de Stefan Radt. Dois testemunhos que encontrei me fascinaram. O primeiro foi escrito por Aristófanes de Bizâncio, na hipótese que antecede as *Bacantes* de Eurípides. Diz o gramático que Eurípides “colheu o enredo no *Penteu* de Ésquilo” (ἡ μυθοποιία κεῖται παρ’ Αἰσχύλῳ ἐν Πενθεΐ). O segundo fragmento é uma citação feita por Galeno no seu *Comentário ao Epidemias de Hipócrates*. Galeno cita um verso de *Penteu*: μηδ’ αἵματος πέμφιγα πρὸς πῆδω βάλης (“Nenhuma gota de sangue caísse sobre o pé”). Essas duas notícias breves, porém riquíssimas, deram-me uma alavancada poética e incitaram-me a empreender o projeto de compor uma performance contemporânea na forma de uma reconstituição da tragédia perdida de Ésquilo. Eu prometi aos participantes da primeira Dionisiaca de Sambuca que prepararia a cena do esquartejamento de Penteu para encená-la ali, no sítio arqueológico que acabáramos de batizar.

O primeiro testemunho, do gramático Aristófanes, faz a ligação direta do *Penteu* de Ésquilo com as *Bacantes* de Eurípides. Com isso, ganhamos dois elementos capitais para o projeto da reconstituição: o enredo e a transmissão. O enredo – *mýthos* – é a espinha dorsal de uma tragédia, sua parte principal. Nele está contida a história da vingança de Dioniso sobre aqueles que oprimem seu culto; o mitema trágico da mãe que mata o próprio filho; as personagens principais: o tirano Penteu, sua mãe Ágave, Dioniso estrangeiro; as personagens secundárias: Cadmo patriarca e Tirésias profeta, e também o coro de bacantes. A transmissão atestada de Ésquilo para Eurípides nos inseria em uma linhagem clássica e permitia-nos o jogo anacrônico de escrever no futuro o que se perdeu do passado, conectando como o imã de Hércules as poesias de séculos distantes. O reconhecimento da linha de transmissão nos aproximou também de outra recepção do mito de *Penteu* e das *Bacantes*: as *Bacchae of Euripides* de Wole Soyinka, adaptação que segue a vertente crítica de recepção pós-colonial e que nos inspirava a tomar uma atitude semelhante em nosso projeto de fazer ressurgir a tragédia de Ésquilo.

O modo como entendemos de fazer nossa recepção decolonial da tragédia foi a sua adaptação sincrética em vários planos de composição: temporal, espacial, ritual, textual etc. A nossa pegada pretende-se antropofágica e exuzíaca, conceitos que se deixarão explicar no processo da própria composição e na montagem teatral. A nossa tragédia, em sua atemporalidade de obra de arte, não busca nem a reconstituição histórica de um imaginário antigo nem a total adaptação a um cenário atual; é diferente portanto de uma adaptação sincrônica como a da *Gota d'Água* de Chico Buarque e Paulo Pontes. O tempo da peça perfaz um trânsito entre as maldições tebana e as atuais, como se essas encontrassem uma linha de continuidade ao mesmo tempo diacrônica e cíclica. O ambiente ritual permite essa troca quase anacrônica em que se prediz o futuro reconstituindo o passado. O mote é o *oriki* de Exu, que “mata o pássaro ontem com a pedra que arremessou hoje”. O lugar também é transitório, como as migrações de Dioniso *Xénos*. Tebas é a cidade de onde partiu e para onde o Deus voltou, passando por muitos lugares e fazendo referência aos lugares passados e presentes. Tebas se transforma em Sambuca, na representação em solo siciliano, ou se transforma na Lapa, se a encenação for no Teatro Leopoldo Miguez. As referências topológicas textuais podem e devem ser alteradas segundo a praça da performance. A principal dimensão espacial todavia não é a dessa praça, mas a dos fluxos migratórios, dos trânsitos, dos itinerários culturais de diversos povos que fazem, por exemplo, um sul-americano ou um canadense estar preocupado com a guerra na Síria ou na Líbia, porque não apenas sabe, mas sente que ela o afeta. Os diversos lugares sempre podem aparecer nas várias referências aos fluxos migratórios, principalmente na voz da personagem de Dioniso.

O sincretismo tem sua máxima expressão nos ritos, onde o culto Olímpico se integra ao culto dos Orixás e das Entidades. Assim como Dioniso vem cobrar o seu reconhecimento, abalando a ordem estabelecida na cidade, a sua expressão sincrética aparece como um Zé Pelintra, Exu das encruzilhadas da Lapa, que não dá sossego à polícia, ao prefeito, ao tirano do momento. Tirésias, como leitor do destino, joga os seus astrágalos num opelê de Ifá, e as suas invocações misturam o

vocabulário das cosmoteologias grega e yorubá. Ágave, à medida que se instaura como a sacerdotisa do rito bacante, incorpora uma pomba-gira, a versão feminina de Exu na umbanda carioca. A *mythopoíesis*, como disse o gramático bizantino, vem desde Ésquilo, mas não parou em Eurípides; continua em trânsito, baixando e subindo.

O segundo testemunho filológico, do médico Galeno, deu-nos um verso numinoso, profético da catástrofe trágica, sobre o sangue que é derramado no esquartejamento. Esse verso foi traduzido e usado como uma costura que liga em círculo a cena inicial anunciadora à cena final do desfecho. O verbo grego conjugado no tempo aoristo permite variações na tradução para o português e outras línguas vernáculas. Essas variantes de tempos e modos verbais, com certeza, deveriam ser exploradas.

A terceira história é um relato do trabalho coletivo de composição e produção teatral. Propus em 2019 a preparação da performance do esquartejamento de Penteu para a segunda Dionisiaca ao grupo extensionista da UFRJ “Teatro das Ideias Vivas”, sob minha coordenação. Começamos a ler junto as *Bacantes* de Eurípides e as *Bacchae* de Soyinka. Assistimos às gravações das *Bacantes* antropofágicas de Zé Celso Martinez Correa, Penteu deglutido como o Bispo Sardinha. Discutimos a linguagem teatral de Ésquilo, de influência eleusina, mais próxima dos rituais que os demais tragediógrafos clássicos. Fizemos laboratórios de interpretação centrados no único verso do *Penteu* original que usaríamos. Trabalhamos a personagem de Tírsias, usando não apenas suas intervenções nas tragédias mas também a passagem da *Odisseia* em que Odisseu faz o rito necromante para ouvir o adivinho.

Para a atualização da tragédia, começamos por analisar os problemas políticos que o mito levantava e a ver como se apresentavam contemporaneamente. O primeiro tema era o da intolerância religiosa. Esse tema, trazido para o Rio de Janeiro de 2019, levou-nos diretamente aos incidentes de violência e profanação que se sucediam contra os terreiros, os ilês de candomblé. Os estudos e a atuação do Babalawô Ivanir dos Santos contra a intolerância religiosa nos aproximaram da percepção de tais conflitos (DOS SANTOS, 2018). A versão de Soyinka já fizera, do ponto de vista religioso, o sincretismo com o culto dos Orixás e a de Zé Celso com a umbanda. Dioniso na sua versão anglo-nigeriana vem com a máscara yorubá de Ogum. Discutíramos, já no primeiro simpósio de 2018, os nomes que o Deus recebe em diferentes línguas e povos: Osíris no Egito, Iaco em Creta, Dioniso na Ática, Baco em Roma, Ogum na Nigéria. Como seria a sua epifania brasileira, carioca? Raisal Inocência trouxe a proposta de um Baco Exu, que, de fato, escuta o modo como o Deus repercute na tradição musical do Rio e da Bahia. Exu ganhou personalidades que não possui na ancestralidade yorubá, quando foi sincretizado pela umbanda carioca, carregado pelas Entidades banto dos mortos recentes junto aos encantamentos Caboclos da mata tupinambá. Exu ganhou os contornos do samba nas calçadas da Lapa, abrindo as ruas para a passagem da banda de Zé Pelintra no livramento das sete encruzilhadas. Essa era para nós a Entidade que chegaria para acabar com a tirania de Tebas, ou de qualquer cidade trancada pela maldição de uma família.

O segundo tema político do mito que estudávamos é o da migração. Dioniso apresenta-se nas *Bacantes* como um desterrado estrangeiro que volta às origens depois de percorrer muitas regiões. Na tragédia de Eurípedes estas tantas são enunciadas no momento da chegada: Lídia, Frígia, Pérsia, Bactriana, Média, Arábia, Ásia. Na tragédia de Soyinka temos um outro itinerário: Afeganistão, Tmolos, Arábia, Etiópia, Frígia, Creta. Em nossa transposição, encontramos uma nova rota segundo os lugares em que os problemas com a imigração mais afluíam, passando pela Líbia, Síria e Turquia. Nesse sentido, não eram mais importantes os conflitos caríacos do que os que ocorriam na Sicília, para onde preparávamos a nossa performance, prevista para a segunda Dionisiaca de Sambuca, que teve por tema justamente as “políticas dionisiacas”. Em 2019, o êxodo de refugiados provenientes das guerras na Síria e na Líbia provocava uma crise nas fronteiras da Turquia com a Grécia e nas águas territoriais da Itália, primeiros países europeus alcançados pelos barcos sobrecarregados de famílias em fuga. Um fluxo intenso e irregular de barcos resultou em naufrágios e corpos de adultos e crianças que nem sempre chegavam vivos às praias de destino. Os partidos nacionalistas e os discursos xenófobos cresceram em todas as partes da União Europeia, assim como em outras partes do Globo onde ocorrem fluxos migratórios. Na Itália, Matteo Salvini [Penteu] tornou-se primeiro ministro com um discurso fascista, xenófobo, que chegou a criminalizar a legendaria hospitalidade da ilha de Lampedusa e a tradicional mistura étnica da Sicília. Nesses lugares, também cresceu a reação ao fascismo a partir de um acontecimento heroico. A capitã alemã Carola Rackete [Dioniso] do navio da ONG Sea-Watch foi presa ao desembarcar em Lampedusa com quarenta migrantes [Bacantes], naufragos que ela salvara da morte em alto mar. A juíza Alessandra Vella [Ágave] da província de Agrigento mandou soltá-la, contrariando o primeiro ministro, pelo que ela recebeu vários aplausos e apoios de toda a comunidade siciliana [mulheres de Tebas]. Este feito deu início à resistência crescente a partir do sul. Nós encontramos aí a cena do desembarque das Bacantes com Dioniso e também o discurso que caracterizaria o tirano Penteu. Daniel Nascimento preparou as falas xenófobas de Penteu a partir dos discursos de Salvini, enquanto eu incorporei ao discurso da chegada de Dioniso as referências às guerras da Líbia e da Síria. Para essa reflexão, contribuíram também as sessões no seminário do Centre for Global Politics, Economy and Society da Oxford Brookes University animado por Andrea Bardin, onde discutimos em 2019 sobre políticas dionisiacas de migração: traslados, transfigurações e outros transe.

Com textos preliminares de Tiresias, Dioniso e Penteu, levamos nossa performance ao *Palmento di Penteo*, em Sambuca. É preciso lembrar que Tommaso Amodeo, avô dos nossos anfitriões Tommaso e Constanza foi o *partigiano* que não cedeu a Mussolini e que iniciou a derrubada do fascismo pelo sul, tornando-se o primeiro prefeito da cidade depois da libertação em 1945. Não conseguimos levar o grupo carioca inteiro, mas reunimos um grupo internacional para uma performance multilíngue. Paolo Mannina fez um esplêndido Penteu em italiano. Richard Seaford fez Tiresias em inglês com Silvana Krisakopoulos. Rossella Cottone recitou Ésquilo em grego. Eu fui

Cadmo e Luca Djidou, Dioniso menino. Ao fim da performance, a pequena comunidade siciliana reunida no sítio arqueológico honrava a hospitalidade ancestral da terra, clamando em coro a cabeça do tirano fascista.

Até então não tínhamos ainda nem os episódios nem a construção psicológica das personagens, mas já tínhamos dois temas atualizados de política dionisiaca. Na constituição das personagens viria aparecer um terceiro tema, a questão da transmutação dos gêneros, a partir da cena do disfarce de Penteu em bacante, que ganhou ares de um pequeno intermezzo cômico, anticlímax do desfecho trágico. Nesse diálogo da cena transformista, aproveitamos o vocabulário do pajubá, o patuá usado na balada travesti das calçadas da praça Paris e da avenida Augusto Severo. Nessa cena, deixamos Dioniso carnavalizar antropofagicamente um Penteu transgênero, inspirado na Uzyna Uzona de Zé Celso.

Para a constituição dos episódios, com peripécias e reconhecimento, é sempre bom orientar-se pelo bom e velho Aristóteles da *Poética*, particularmente o capítulo XVII. Nesse sentido cabe um agradecimento às amigas Rossella Cottone e Christine Mauduit, que abriram o seminário na École Normale de leitura da *Poética* em videoconferência no primeiro semestre de 2020 justo nesse capítulo. O seminário foi tecnicamente um dispositivo importante para as etapas de construção do texto e para pensar o desdobramento cênico.

A parte mais difícil da composição textual ficou por último: a construção do caráter das personagens. Dar dramaticidade aos diálogos, de modo que cada personagem tenha um perfil psicológico não é fácil. Destacar-se do seu estilo natural para dar vida própria às personagens é um exercício insano de auto-alienação. Sempre cada personagem volta a ser uma faceta do autor, que deve continuamente livrar-se de si mesmo. As máscaras de Dioniso não são fáceis de trocar. O fato de nosso *Penteu* pretender-se uma reconstituição de Ésquilo nos deu ao menos o alibi de favorecer o rito mais do que a conversa fluente entre indivíduos. As cenas, portanto, foram pensadas em gestas ritualísticas: a consulta ao adivinho, o discurso da ativista, o discurso do tirano, a metamorfose do livramento, o rito comunitário do esquartejamento. Mas o *páthos* trágico só seria alcançado se efetivamente as personagens fossem suficientemente empáticas e contagiantes.

A mais fácil das personagens e a primeira a ganhar um caráter foi Penteu. Penteu encarna o tirano fascista moderno, não faltam modelos no mundo contemporâneo, e o que nos inspirou, como já vimos, foi a figura do político italiano da Liga de extrema-direita. A transformação irônica do discurso conservador para os deboches do pajubá construíram um perfil puxado para a comédia. Cadmo, por sua vez, é uma personagem menor, importante para demarcar a ancestralidade da família amaldiçoada. No enredo, a sua função é propiciar a anagnórise da filha Ágave. Tirésias é o adivinho porta-voz do destino; em nossa versão, ele veste a figura de Orunmilá, a quem é dado o conhecimento dos segredos que se revelam pelo opelê de Ifá. A personagem recebe a consulta de Ágave com a astúcia de um psicanalista que deixa o consulente revelar ele mesmo os seus sentimentos, desejos e culpas mais recônditos. Suas intervenções no diálogo com Ágave são pontuações. Já no encontro com Cadmo e

Penteu, Tirésias é a voz da sabedoria ancestral da terra que percebe os acontecimentos e respeita as tradições e o destino.

Dioniso é uma personagem propiciadora das transformações. A sua chegada altera a rotina da cidade, transforma a aristocracia em vanguarda revolucionária, faz o tirano revelar o seu lado mais vulnerável e inverte todas as posições do tabuleiro. Fora a chegada intempestiva e o triunfo final, a sua ação é somente provocadora e o seu caráter é sempre ambíguo e ilusionista, sempre com máscaras e espelhos à mão, para revelar e confundir. A sua representação lembra um avatar de Exu com dupla face, a sua atitude é a do malandro Zé Pelintra.

Ágave é a heroína trágica da peça, e a composição do seu caráter psicológico foi o mais difícil de todos. Sempre me incomodei nas *Bacantes* de Eurípides com a reação de Ágave ao descobrir que matara o próprio filho. Estranhamente, a personagem euripidiana tem uma função secundária e isto atenuava o *páthos* trágico do mitema básico: a mãe que mata o próprio filho. Como Eurípides, depois de compor uma heroína tão forte como Medeia, podia ter feito uma Ágave tão diluída? Desde o início, por contraste, víamos Ágave como a heroína que devia trazer toda a força do destino trágico, e seu reconhecimento tinha que ser mais poderoso do que a simples revelação de uma ilusão funesta. Era preciso que ela estivesse efetivamente implicada na morte do filho, mesmo se o matara pensando tratar-se de uma fera. Era preciso construir uma alma densa e profunda com segredos e aspirações que ela mesma iria desvelar ao longo das cenas dramáticas. Para construir a personagem de Ágave, fiz uma espécie de engenharia reversa com a psicanálise freudiana.

Sabemos que Freud construiu sua teoria psicanalítica inspirando-se em personagens e categorias das tragédias clássicas. Como o nosso projeto era o de reconstituir uma tragédia perdida, imaginei construir uma personagem clássica que servisse para uma das categorias freudianas decisivas, mas ainda sem referência clássica. A categoria freudiana que me serviu para operar essa engenharia reversa foi o conceito de *Unheimlich*: o inquietante, o estranho, o desconcertante que nasce paradoxalmente no leve deslocamento do familiar, do íntimo. *Das Unheimliche* é um conceito intraduzível de Freud, que usamos para construir a condição trágica de Ágave desde o início, no sonho de uma brincadeira infantil que acaba por se revelar como o mito do esquiteamento de Dioniso menino. Esse sonho leva Ágave a confessar a Tirésias suas angústias pela morte da irmã ante a profecia do crime de sangue. Depois, leva-a a confundir Dioniso com a mesma irmã e a incitar-se com sua imagem. O desconforto a partir do retorno fantasmático da irmã infunde na personagem um heroísmo e uma solidariedade com as mulheres da cidade e com as estrangeiras, tornando-a a grande condutora do rito bacante em que novamente se vai esquitear o reverso de Dioniso, aquele que provoca o sofrimento: Penteu, o tirano e ao mesmo tempo o filho. A personagem cresce a cada cena até se deparar com o fatídico desfecho trágico, revelado pelo pai, Cadmo.

O discurso triunfal de Dioniso que se segue pretende ser um poema catártico.

Referências bibliográficas:

- APOLLONIOS DE RHODES. **Argonautiques**. Ed. F. Vian, trad. E. Delage, Paris: Les Belles Lettres (Coll. Guillaume Budé), 1976.
- ARISTOPHANIS BYZANTII **Grammatici Alexandrini fragmenta**. 2a ed. Ed. Nauck, A. Halle: Lippert & Schmid, 1848, Reimpr. 1963.
- ARISTOTE. **La Poétique**. Ed, tr., com. Dupont-Roc, R.; Lallot, J. Paris: Seuil, 1980.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Ed. e trad. E. Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- ARISTOTELIS. **De Arte Poetica Liber**. Ed. Kassel, Oxford: Clarendonian Press, 1965, 1982.
- BERNAYS, J. **Zwei Abhandlungen über die aristolische Theorie des Drama**: I. Grundzüge der verlorenen Abhandlung des Aristoteles über Wirkung der Tragödie; II. Ergänzung zu Aristoteles' Poetik. Berlin 1880 (Parte I pub. em Breslau 1857), Reed: Darmstadt 1968, trad. ingl. Aristotle on the effect of tragedy, Articles on Aristotle 4: Psychology and Aesthetics ed. J. Barnes, M. Schofield, R. Sorabji.
- BUARQUE, F & PONTES, P. **Gota d'Água**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- CARDILLO, L. L'estasi della Sibila. In: TOSCANO, F (a cura di). **Sibille**. Palermo: Arianna Editrice, 2015.
- CÉSAIRE, A. Une Tempête (d'après La Tempête de Shakespeare) (adaptation pour un théâtre nègre). **Présence africaine**, vol. 3, 1968.
- DE PAOLI, B. **A adivinhação na tragédia de Ésquilo**. 2015. 416 ff. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Departamento de Letras Clássicas e Vernácula, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. DOI: 10.13140/RG.2.2.24381.26082
- DE PAOLI, B. Ésquilo e a poética da adivinhação. **O que nos faz pensar**, v. 27, n. 43, 2018. DOI: <https://doi.org/10.32334/oqnp.2018n43a602>.
- DETIENNE, M. **Dionysos mis à mort**. Paris: Gallimard, 1977.
- DOS SANTOS, I.; NASCIMENTO, M. & all. **Intolerância religiosa no Brasil: relatório e balanço**. 2ª ed. bilíngue. Brasília: CEAP, 2018.
- ÉSQUILO. **Oresteia**. Estudo e tradução de Jaa Torrano. 3 vol. São Paulo: Iluminuras, 2004.
- ÉSQUILO. **Tragédias: Os Persas, Os Sete contra Tebas, As Suplicantes, Prometeu Cadeeiro**. Estudo e trad. de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- EURIPIDE. **Baccanti**. Int., trad. e com. de D. Susanetti. Roma: Carocci ed., 2010.
- EURÍPIDES. **Teatro Completo**. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Ed. Iluminuras, vol 1: 2015; vol 2: 2016; vol 3: 2018.
- FREUD, S. Das Unheimliche (1919). In: **Gesammelte Werke**. Chronologisch geordnet. Ed. Anna Freud. Vol. XII. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch-Verlag, 1999, pp. 227–278.
- FREUD, S. O estranho. In: FREUD, S. **História de uma neurose infantil e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1972, pp. 274–314 (Obras completas vol. XVII).
- HOMERO. **Odisseia**. Trad. Carlos Alberto Nunes. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- HOMERO. **Odisseia**. Trad. Trajano Vieira. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012.
- KERÉNYI, C. **Dioniso**. Trad. port. Ordep Serra. São Paulo: Odysseus, 2002.
- MOTA, M. Vida de Ésquilo. **Ronai: Revista de estudos clássicos e tradutórios**, v. 6, n.2, 2018, pp. 52–62. DOI: <https://doi.org/10.34019/2318-3446.2018.v6.23272>
- MOURA SILVA, C. **Vidas Trágicas: Ésquilo, Sófocles e Eurípides no imaginário helenístico**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019. DOI: 10.13140/RG.2.2.23599.48808
- NASCIMENTO, A. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, 2004, pp. 209–224. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000100019>

- OVÍDIO. **Metamorfoses** Trad. de D. Jardim Jr. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint (Ediouro), 1983.
- RADT, S. **Tragicorum Graecorum fragmenta**. Vol. 3: Aeschylus. Ed. Stefan Radt. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2009.
- SANTORO, F. O vinho trágico e secreto dos Curetas. **Anais de Filosofia Clássica** (Online), v. 26, 2019, pp.88-104. DOI: <https://doi.org/10.47661/afcl.v13i26.35594>
- SANTORO, F. Intradução. In: CASSIN, B.; SANTORO, F.; BUARQUE, L. (orgs.) **Dicionário dos Intraduzíveis: um vocabulário das filosofias**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- SANTORO, F. Aristóteles e a Arte Poética. In: HADDOCK-LOBO, R. (org.) **Os filósofos e a arte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010, p. 43-57.
- SANTORO, F. Filosofia da Decomposição. In: PUCHEU, A. **Poesia (e) Filosofia**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998, p.104-118.
- SEAFORD, R. **Dionysos**. London: Routledge, 2006.
- SHAKESPEARE, W. **The Complete Works**. Ed. S. Wells & G.Taylor, Oxford: OUP, 2005.
- RODRIGUES, N. **Teatro Completo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- SOYINKA, W. **The Bacchae of Euripides**. London-New York: Norton & Company, 2004.
- YEBRA, V. G. **Poética de Aristóteles**. Edição trilingue. Madrid: Gredos, 1974.



PENTEU

de Fernando Santoro²

μηδ' αἵματος πέμφιγα πρὸς πέδῳ βάλης
Nenhuma gota de sangue caísse sobre o pé
(Ésquilo, *Penteu*)



PRÓLOGO

NARRADOR

Guardiões de filosofias ancestrais, no “Teatro das Ideias Vivas” buscamos a sabedoria dionisiaca das tragédias. Ésquilo é o mais antigo dos tragediógrafos clássicos, nascido em Atenas, no povoado de Eleusis, onde fica o sagrado santuário dos mistérios. Morreu em Gela, na Sicília, onde escreveu suas últimas tragédias, entre as quais *Penteu*. Desta tragédia, restou apenas um verso: μηδ' αἵματος πέμφιγα πρὸς πέδῳ βάλης (“Nenhuma gota de sangue caísse sobre o pé”). Analisamos o genoma desta gota e o alimentamos até gerar um drama trágico em sua inquietante ritualística. Também restou uma informação preciosa, escrita por Aristófanes de Bizâncio, o gramático, na apresentação de outra obra. Ele disse que Eurípides copiou para a composição de sua última tragédia – *As Bacantes* – o enredo de *Penteu*, este drama escrito por Ésquilo em homenagem a Dioniso libertador. Nós viajamos meio mundo até o Bosque encantado das Resinas, a fim de buscar, na encruzilhada dos povos, uma cura – axé! – para a maldição da tirania.

[Dois atabaques tocam o adarrum (toque de Ogum); duas bacantes entram com um lenço e vedam os olhos do narrador; este entra em transe até receber o espírito de Tirésias.]³

TIRÉSIAS

[Evocação das sombras do Hades; Tirésias recupera as almas de Cadmo, Penteu e Ágave.]

Há muitos anos Hera privou-me da luz,
desde então,
vejo o que foi, o que será e o que sempre é.
Devo guardar as tradições e o segredo – awó – de nossos ancestrais,
por isso meus pés tocam a terra e penetram o Aiê,
até ouvir as palavras úmidas de um deus coroado de cachos e gavinhas.

² Com a entusiasta colaboração dos integrantes do “Teatro das Ideias Vivas”, particularmente Daniel Nascimento, na composição das falas de Penteu.

³ Os textos entre colchetes indicam as marcações cênicas. Topônimos e termos relacionados podem ser alterados e adaptados à praça da apresentação.

Da terra, invoco as máscaras que transitam no Aiê e habitam as profundezas do Hades subterrâneo :

Egungum! Egungum! Ogum!

[Os atabaques fazem um toque lento, de suspense.]

Cadmo, fundador de Tebas de sete portas, [Apresenta-se e segue à esquerda.]

Penteu, tirano de Tebas e filho de Ágave. [Apresenta-se e segue à direita.]

Ágave, filha do fundador e mãe do tirano [Põe-se no centro, perto de Tirésias.]

[A cena esquematiza a genealogia e põe à vista a expressão tiresiana “filha e mãe de reis” – Ágave irá trocar o futuro pelo passado – isto se evidencia em cena, quando confundir o filho com o pai – as três máscaras são iguais exceto pelos cabelos, as máscaras inspiram-se no estilo do Benin.]

[Cadmo e Penteu saem de cena.]



PÁRODO

ÁGAVE

Tirésias, vidente, ajuda-me. Esta noite tive um sonho.
Foi um sonho inquietante, que me alegrou e assombrou, cego escavador das almas.
Diga-me o que significa este sonho estranho.

TIRÉSIAS

Conta-me o teu sonho, Ágave. Tu que és filha e mãe de reis de Tebas.

[Enquanto Ágave conta o sonho, entra o coro de Bacantes, que vai dançar e representar o mesmo sonho.]

ÁGAVE

O sonho sonhado sangrava em mim:
Um erê no meio de um bosque,
Os seus protetores dançavam armados.
Ele brincava com seus brinquedos:
Cone, corneta, tambor, tamborim,
bonecos de braços articulados
e belas maçãs douradas do bosque.
Um sonho sonhado sangrava em mim:

[Os instrumentos musicais das Bacantes: corneta, tamborim, caixa e chocalhos em forma de maçã. O espelho é um adereço central na dança.]

Chegaram titãs pintados caiados
Titãs tatuados de argila e de giz.

Um espelho mostraram ao lindo menino,
Que olhava a imagem de cachos e cílios.
Os brilhos no espelho: centelhas de facas
Cortando em pedaços os membros pueris.
Nas pernas, nos braços, no ventre, as adagas
cortando o pescoço e abrindo o quadril.
Jorram dos membros respingos de vinho.
E o vinho eu bebia a ficava feliz.
[As Bacantes despejam vinho sobre Ágave.]
O sonho sangrava e o vinho eu bebia
veio um dos titãs e olhou para mim
– ele disse que
Nenhuma gota de sangue caísse sobre o pé.

[A criança brincando no centro da dança é Dioniso com quem Ágave se junta a dançar. Dois grupos de dançarinas bacantes fazem a coreografia: os Curetas e os Titãs.]



EPISÓDIO I

TIRÉSIAS

[o vidente concentra-se e joga seus astrágalos num opelê de Ifá; um ou dois biombos de espelhos protegem o fundo.]

Ágave, que és filha e mãe de reis, escuta!
Atotô! Atotô!
Silêncio! Ouve as entranhas da Terra.
Lava as tuas mãos, as duas mãos lava. Lava essas mãos impuras!
[Ágave se assusta.]
Sangue sobre o pé é sangue do teu sangue.

Purifica-te, mulher!
Purifica-te já, deste crime entre os teus.

Este sangue cor de vinho é a vida de um erê.
Sacrifica a Dioniso o teu ato.
Purifica-te já de um crime contra o deus!

Vai ao Bosque da Resina,
finca sete tocos de pinho em torno à tua tenda e espera.
Não tardes, não demores, lava tua mão do sangue de teu sangue.

ÁGAVE

[Olha para as próprias mãos.]

Não sei que verdade você diz, Tirésias,
mas veja como minhas mãos são limpas.

Eu não tenho sangue do meu sangue nas mãos.

[*Olha para as próprias mãos outra vez e as levanta à vista de todos.*]

Quer me atingir no passado, com essa pedra que será lançada amanhã?

[*Em silêncio Ágave caminha e procura.*]

Não, não venha agora me dizer que tenho sangue de Sêmele nessas mãos.

[*Olha outra vez para as próprias mãos.*]

Se minha irmã morreu fulminada,
foi pelas armas fumegantes da guerra
e pelo desatino dos homens.
Nosso desejo, sonho ou assombração,
é impotente sob o desígnio dos Deuses.

TIRÉSIAS

Ouve e obedece, mãe do rei de Tebas.
O sangue da tua estirpe vai manchando os teus pés.
Lava-te agora, ou depois não lavas mais.

ÁGAVE

Quantas vezes precisa anunciar a maldição que recai sobre a realeza tebana?
Crê que não a conheço?
Eu vejo todo mês o meu sangue de mulher, e a cada vez eu me lavo.
Quanto você enxerga das recôncavas almas?
Nas mãos de Zeus e de Hera, fui um brinquedo como a minha irmã,
como todas as mulheres de Tebas.
É isso o que merecemos, servir como escravas ao primeiro amor?
Ou servir como filhas ao nosso pai
e servir outra vez ao marido e aos filhos?

TIRÉSIAS

Não quiseste servir?

ÁGAVE

Servir a quem? Ao pai? Ao amante? Ao marido?
Servir à minha irmã?
Servir à paixão?
[*Desvia o corpo e o assunto.*]
Sêmele apaixonou-se pelo forasteiro a ponto de considerá-lo um deus.

TIRÉSIAS

O que fizeste?

ÁGAVE

Não precisei fazer nada.
Não precisei.
Ele era um imigrante, sim.
Não precisei fazer nada.
Os imigrantes são expulsos pela polícia.

Que mal há se eu também quis que ele voltasse para o seu país?

TIRÉSIAS

Tens dúvidas, Ágave?

ÁGAVE

Eu duvidei de que o amante de Sêmele seria preso na Turquia.
Fui eu quem disse à minha irmã que o homem não passava de um ator.
Eu só via um impostor que a seduzia e assediava,
passando-se por um professor refugiado.
Os homens notáveis se acham deuses poderosos diante das mulheres.

TIRÉSIAS

Diante de quais mulheres?

ÁGAVE

Sim, ele era belo e potente como um Zeus.
São todos assim,
quando querem nos seduzir, vangloriam-se dos privilégios,
desfrutam de nosso jardim, depois o abandonam.
Saem leves como pássaros e nos deixam com os fardos da vida.

Mas não me deixo levar por brilhos passageiros.
Meu homem tem que fincar os pés no chão.
Brota da terra, lavra na terra, e volta pra ela.

Sêmele amou o estrangeiro, e se deixou levar.
Poderia tê-lo amado eu? Não me deixo levar.

Ele partiu, minha irmã o seguiu e morreu.

TIRÉSIAS

Poderias tê-lo amado tu, Ágave?
Poderia ser teu o filho de Sêmele?

ÁGAVE

O filho de Sêmele? Meu filho?
O que você está insinuando?
Meu filho é Penteu, filho de Equionte!
Dente de dragão que ara essa terra.
Não me confunda.
O que meu filho tem a ver com Sêmele?

TIRÉSIAS

Diz tu, filha e mãe de reis de Tebas.
Coroa de rosas, espinho dos desejos.

ÁGAVE

Desejos de quem, Tirésias?

Desejos da coroa que não pode ser minha?
Desejos de uma filha ou de uma irmã?
Desejos de uma mãe? Desejos de uma mulher?
Crê você que sacrificaria minha irmã para que Penteu, meu filho, herdasse o trono do avô?
Crê que a coroa do meu filho está manchada pelo meu desejo e pelo meu ciúme?
Pelos ciúmes que senti de minha irmã com aquele estrangeiro?

TIRÉSIAS

Uma coroa de espinhos, manchada de ciúme e desejo.
Nenhuma gota de sangue caia sobre teus pés!

ÁGAVE

Não, Tirésias. A coroa de sangue não pesa sobre uma cabeça de mulher.
O homem se apresentava radiante como um deus.
Quando sugeri que minha irmã o pusesse a prova
e o denunciasse como terrorista e violador,
queria ver como ele se safava.
Ela nem precisou seguir o conselho de Hera,
o próprio serviço de imigração o expulsou.

TIRÉSIAS

O que fez tua irmã?

ÁGAVE

A casa real a banuiu quando apareceu grávida.
Ninguém podia imaginar que ela iria fugir para um país em guerra
até encontrar o amante.
Quem podia imaginar que lá ela seria atingida
pelos bombardeios das armas ocidentais?
Não, eu não tenho o sangue de Sêmele em minhas mãos, Tirésias!

TIRÉSIAS

Ninguém podia imaginar, Ágave.
Nenhuma gota de sangue... Nenhuma gota de...

ÁGAVE

...Ciúmes,
eu tinha ciúmes, é verdade.
Mas minhas paixões não se tornaram atos,
e foram outros atos que moveram os fatídicos fatos.
Nenhuma gota do sangue de Sêmele caiu sobre meus pés, Tirésias.
As gotas que sempre caem são as minhas,
todas minhas de mulher.
Por que dizer para eu purificar-me?

TIRÉSIAS

Não queiras saber além do que mostram os deuses, Ágave.
Precisas limpar tuas mãos;
e cuida para que estas gotas, sangue do teu pai e do teu filho,

não respinguem sobre teus pés.

ÁGAVE

O sangue do meu filho?

De que mais você me acusa, Tirésias? De ser filha ou de ser mãe?

A guerra estrangeira levou minha irmã e, junto com ela, o seu herdeiro.
Sua morte trouxe pranto e dor à casa real de meu pai.

Chorei a sangue, filho de Everes;
a falta de uma irmã é uma cicatriz que não sai.

Para agravar essa dor, o Tirésias vai me culpar de ter a prole no trono da cidade?
Quem me paga a terceira jornada?

TIRÉSIAS

O destino escolheu a mãe.

ÁGAVE

Quanta ironia, não é?

Eu não fui conspiradora!

Penteu, meu filho, é o rei.

Esse é o destino que cabe aos varões descendentes de meu pai.

Se as mulheres conspirassem pelo trono dos homens,
não seria para que continuassem a obedecer aos homens.

A mim que sou mulher, filha e mãe de reis,
meu destino sempre foi obedecer,
primeiro ao pai e agora ao filho.

TIRÉSIAS

Pois obedeça! Faz o que mando o quanto antes,
vai ao Bosque da Resina,
finca sete tocos de pinho em torno à tua tenda e espera.

ÁGAVE

Não se aproveite das minhas palavras, homem que vê.

Tirésias não é meu rei nem é meu pai.

Me diz do que estou manchada!

Eu chorei a morte de minha irmã quando o bombardeio a fulminou.
E ainda choro.

Irei visitar seu túmulo, e mais uma vez vou pedir perdão à sua alma,
no templo que nosso pai ergueu além dos muros da cidade.

Pedirei perdão por ter sido má conselheira
e pelos ciúmes que tive daquele belo impostor
que a levou para o centro da guerra.

Mas nunca desejei-lhe a sorte funesta para que meu filho herdasse o trono.

TIRÉSIAS

Disseste que era belo o estrangeiro?

ÁGAVE

Por que me pergunta?

Você já foi mulher, Tirésias, e soube o que é ser mãe de uma filha,
mas ainda não sabe todos os segredos femininos.

Não sabe como amei minha irmã.

TIRÉSIAS

É um segredo?

ÁGAVE

Você nunca vai saber!

TIRÉSIAS

Amas o teu rei?

ÁGAVE

Eu amo meu filho, Penteu, o rei de Tebas.

Sou mãe.

Dei-lhe meu ventre, a primeira casa,
de todas, a mais aconchegante e íntima.

Dei-lhe depois seu primeiro alimento,
o branco leite nutritivo do meu seio.

A primeira palavra que ele ouviu foi a minha benção amorosa,
e a primeira que ele proferiu foi “mamãe”,
antes de andar com dois pés.

Nos sete anos de mulher, Tirésias, você gozou as dores do parto de uma filha.

Carregou carinhosamente a pequena Manto no colo.

Sei que conheceu de fato o amor que confesso.

TIRÉSIAS

Amas o teu filho?

ÁGAVE

Eu amo demais, e tudo lhe dei, gota a gota do meu sangue,

degrau por degrau de seus passos

até alcançar na idade adulta o alto posto da cidade.

E tudo lhe daria outra vez, porque sou mãe e o amor é tirano.

Mas não misture meu filho na dor que tenho de perder a irmã.

Meu filho, carne da minha carne,

não tem culpa de herdar o sangue amargurado de uma mulher tebana.

Meu filho é um varão e tem a glória de herdar a coroa do avô!

Meu filho é o meu rei.

TIRÉSIAS

O teu filho é o teu tirano.



ESTÁSIMO I

[As mulheres de Tebas ouvem os tambores e são atraídas à praia.]

BACANTE

[Anúncio trágico]

Coroa amaldiçoada de Tebas!
Da praia soam as flautas e os tambores da festa.
Patriarcado amaldiçoado de Tebas!
O som chega ecoando pelas praças.
Tirania amaldiçoada de Tebas!

[Cantam]

Pega a batida no pé,
Pega o bole e rebola nas coxas.
Vai desancando as cadeiras,
Rebolando no bole das moças.

[Todas as mulheres sentem os tambores nos pés, subindo pelas coxas, rebolando nas cadeiras e ressoando no ventre.]

Evoé!
Olerê, as encantadas de Tebas!
Evoé!
Olará, derrubar os coroas!
Evoé!
Olerê, as encantadas de Tebas!
Evoé!
Olará, derrubar os coroas!

[Todas as mulheres deixam as casas e descem dançando e cantando pelas ruas até as portas da cidade.]

Evoé, Baco! Evoé Momo! Evoé Xenos!
Eparrei Sêmele mãe. Eparrei Sêmele irmã! Eparrei, eparrei, eparrei.
Evoé! Yabás encantadas de Tebas!
Aruanda! Bacantes das Sêmeleas coxas!
Aruê! Patriarcado amaldiçoado de Tebas!
Aruanda! Umbigada no ventre das moças!



EPISÓDIO II

[Música: *Living in a Ghost Town*, Rolling Stones]

TIRÉSIAS

Quantas portas e janelas abertas!

Foi o rastro do som sedutor
que levou meninas e senhoras!

As ruas agora deitam nuas. Não há vivalma na praça.
Um torpor de silêncio cobre a cidade de Tebas.
Os homens ainda não voltaram da vindima.
Somente os corvos grasnam a morte predestinada
e anunciam o desvario nos montes.

Banquete de sangue e de vinho
Será servido à mesa de jantar!
EVOÉ XENOS! EVOÉ BRÔMIOS!
FILHO DE SÊMELE! FILHO DE ZEUS!

DIONISO

[Chega desembarcando de um bote recém chegado de migrantes, duas bacantes cobrem seu rosto com o véu/
máscara da iniciação.]

Chego nessa terra suada de Tebas,
e nesse bosque incensado de resina,
como quem chega outra vez ao fim do estio e à festa da colheita.
Mas não chego à terra feliz como quem vem ao mundo.
Feliz se não houvera nascido,
feliz serei quando voltar a atravessar
a última porta de Perséfone e deitar-me no colo de Sêmele, minha mãe.
[Retira o véu de iniciado.]

Atravessei o mar bravio,
e suas ondas sobre o pequeno barco não ameaçavam mais o horizonte
do que as lembranças assentes.

[A iluminação deve criar um cenário infernal de guerra.]

Porque a tempestade de fogo era maior.
Sobre nossas casas choveu chumbo,
choveu a lama vermelha do Ocidente.
E o óleo negro levantava as chamas para o alto em catedrais de fuligem.
As cinzas de minha mãe subiram e espalharam-se ao vento.
Nenhuma gota de sangue caiu sobre os meus pés.
Tantos irmãos e tantas irmãs deitaram lágrimas de fel.
Uma imagem rútila gravou-se como espectro em minha retina,
e mais fundo na retina indelével da memória.

Com o canto ritmado da promessa,
a sua sombra me acompanha incansável,
[Pega um espelho e o usa para iluminar partes da plateia, à procura da imagem de Sêmele.]

eu a vejo ao fundo, no reflexo do lago,
eu a vejo quando o sol brilha nas uvas maduras,
eu a vejo nas meninas dos olhos que vêm colher os cachos,
eu a vejo no mosto pisado no fundo das tinas,
eu a vejo exalando os bagaços nos lagares,
eu a vejo escorrendo e entrando nos vasos sarcófagos,
eu a vejo deitando nas taças,
Evoé!

e no brilho multicolor do meu delírio!

ÁGAVE E DIONISO

[Dioniso: representado nesta cena por duas faces: uma se mostra como o espectro de Sêmele (pantera), a outra como o marinheiro (touro). Exu de duas faces, Zé Pelintra veste terno branco, mas tem uma capa preta. O espelho de Dioniso foca sobre Ágave, que vem pelo fundo da plateia.]

DIONISO

Boa tarde senhora, poderia me dizer se estou no caminho de Tebas?

ÁGAVE

Jovem, seu rosto não me é estranho. Eu sei que já o vi, mas não sei onde nem quando.

É uma estranha sensação de algo familiar.

[...]

Não acredito, Não pode ser!

[...]

Sêmele! Sêmele, minha irmã!

Você está viva? Voltou disfarçada em homem?

É um ator maquiado ou é um fantasma?

DIONISO

[Continua iluminando-a com a lanterna.]

Conheceu Sêmele, senhora? Como é parecida com ela! É acaso a irmã de Sêmele? É a irmã de minha mãe?

ÁGAVE

Sêmele, minha irmã! Como é parecido com ela! Você também voltou para me assombrar?

DIONISO

[Para a plateia / face taurina, capa de Exu com chifres]

Eu sou Dioniso, filho de Sêmele e Zeus,

e voltei para ser reconhecido como filho desta terra.

Minha mãe morreu desterrada e fulminada ao encontro de meu pai.

Agora aqui me chamam de Estrangeiro.

Não queriam me receber no porto,

até que minhas Bacantes soaram tambores e flautas

e todas as mulheres da cidade desceram ao cais para nos receber.

ÁGAVE

Espectro de minha irmã, para de me assombrar.

Hoje vou ao bosque para me lavar.

DIONISO

Vai lavar as mãos?

ÁGAVE

Não vou lavar as mãos nem os cabelos.

DIONISO

Vai lavar a roupa suja?

ÁGAVE

Não vou lavar a roupa suja com as lavadeiras.
Vou pelas minhas irmãs, lavar a maldição.
Vou fincar sete tocos de pinho para as filhas de Tebas.

DIONISO

Vai encontrar as outras mulheres?
Vai lavar suas mãos no vinho roxo, libar na gira do bosque?
Vai se juntar à festa?

ÁGAVE

Vou me curar da maldição da tirania, ó máscara de minha irmã.
A tirania patriarcal que sujeita as mulheres de Tebas
e a expulsou quando engravidou à revelia do pai e de marido.

DIONISO

Sêmele foi expulsa sozinha.
Por isso voltei, para saírem todas.

Todas!

Venham todas as irmãs, todas as filhas de Tebas.
Venham Sílvias e Letícias, Lauras, Floras e Isabelas.
Venham Brunas e Melissas, Luíças e Janaínas,
Jaciras, Iracemas, Anitas e Beneditas,
Venham todas as mulheres dançar no Bosque da Resina!

ÁGAVE

Não há mulher que não sofra nesta terra.
Desde que a irmã de meu pai foi raptada pelo Touro Branco;
desde Pasifae violada e engravidada;
Creusa, virgem envenenada;
Medeia repudiada; Ariadne abandonada;
e, Sêmele minha irmã, fulminada.
Cada porta desta cidade tranca uma história
de lágrimas femininas.

DIONISO

Evoé! Gavinhas! Ágav' evoé! Vinhas da vida! Agavoé!
Vai vingar as mulheres de Tebas!

ÁGAVE

Evoé! Vou vingar as mulheres de Tebas!
As semeadoras do campo, as tintureiras no rio,
As fiandeiras no fuso, as tecelãs no tear,
As cozinheiras no forno, as parteiras no lar,
As oleiras no torno, as pítias no altar.

DIONISO

Evoé! Gavinhas! Ágav' evoé! Vinhas da vida! Agavoé!
Vai vingar as mulheres de meu Pai?

Não conheces o destino de Astéria? de Leda? de Antíope? Alcimene, Danae, Egina, Mnemosine e Perséfone?

Conheces o destino de Marielle? Dandara, Joana, Jaci, Lia, Jandira, Maíra, Cecília e Gabriela?

De Clementina e Clarice? Lúcia, Olga, Larissa, Leci, Raissa, Isadora e Berenice?

[Música: samba da Mangueira 2019]

ÁGAVE

Evoé! Vou vingar as mulheres de Tebas!

DIONISO

Evoé! Gavinhas! Ágav' evoé! Vinhas da vida! Agavoé! Vai vingar as mulheres de Tebas!

[Aponta o tirso para o rosto de Ágave.]

Vai expiar a sua própria culpa?

[Deixa a capa taurina e volta à face malandra de Zé Pelintra.]

ÁGAVE

Eu sempre te amei, minha irmã. É mentira o que andam dizendo.

É mentira que conspirei contra ti.

DIONISO

O que a Senhora fez com a sua irmã?

ÁGAVE

[Ajoelha-se e senta-se como uma menina.]

Eu te amei, minha irmã.

Desde o tempo em que cuidávamos das mesmas bonecas
e fazíamos casinhas de duas mães.

Quantas brincadeiras! Quanto loucura! Quanta delícia!

Quantas confidências trocamos juntas!

DIONISO

Lembra dos últimos segredos?

ÁGAVE

[Levanta-se]

Como não lembrar, minha irmã? Ríamos e ríamos do Estrangeiro.

Bonito, forte, garboso, com seu sotaque engraçado e suas roupas diferentes.

DIONISO

Meu Pai.

ÁGAVE

Contaste-me que estavas apaixonada. Fiquei com ciúmes.

Ele era atraente, mas era um estrangeiro.
Grego, turco, sírio, curdo, líbio, nigeriano, brasileiro, não lembro.

DIONISO

Ele desceu do Orum pelo monte Olimpo.

ÁGAVE

Um homem poderoso e inquietante.
Dizia-se professor, mas parecia um ator.
Era sedutor, confesso.
Era um homem.
Não é justo que mulheres disputem o mesmo homem.
Não é justo competir pela servidão.
Eu me contive. Eu quis expulsá-lo.
Tive medo da tua paixão.

DIONISO

A Senhora duvidou do amor estrangeiro, não duvidou?
Um amor de marinheiro, que a onda traz e a onda leva.
Um amor que incendeia no meio da tempestade.
Intempestivo, não pediu permissão para entrar ou sair.
Um ciclone que gira e levanta a poeira,
Que suspende o juízo e sacode a cabeça.
Um amor intraduzível.

ÁGAVE

Não sei o que dizer. O teu amante me perturbava.
O ciúme e o desejo misturavam-se.
O prazer e o medo.

Um estranho, um traço diferente, um forasteiro.
O cabelo não era igual.
Os olhos eram outros.
A língua não combinava.
A pele destoava.
Os gestos surgiam inesperados.

Eu não sabia o que era, mas nunca duvidei de meu amor por ti.

Mas aquele homem?

A minha dúvida... o que eu te disse... a tua reação... a tua partida...
[Fica tonta como embriagada.]

DIONISO

Sim?

ÁGAVE

A tua morte.

DIONISO

[Para a plateia, volta a capa taurina]

Amor e desejo revelam-se no brilho do vinho.
Revela-se também a mácula do remorso.

ÁGAVE

Estou tonta, irmã, parece até que já bebi.
O que aconteceu contigo? Estás morta ou estás viva?
És um espectro ou mais outro ator que vem para me confundir?

DIONISO

Sêmele, a minha mãe, morreu sob o fogo ocidental.
O sacrifício pelo fogo será coberto pelo vinho.
Nascerei outra vez esta noite entre as mulheres.

ÁGAVE

Espectro de minha irmã, para de me assombrar e de representar.
[Levanta-se, pega a capa de Dioniso e faz dela uma bandeira.]
Vem dançar comigo!
Vou com todas as mulheres de Tebas para o Bosque da Resina.
Vamos dançar com as Bacantes que chegaram da Síria e da Turquia.

DIONISO

[Assume o comando / Zé Pelintra]

Vai, mulher! Vai rodar a saia!
Vai rodar, vai rodar, vai rodar tua saia!

ÁGAVE

Vem, irmã. Hoje é o dia da Gira. É o dia das fraquejadas.
Hoje é o dia das malcomidas, das histéricas, das seviciadas!
Vão ouvir as irritadas, as vadias e as taradas.
Hoje é o dia da Gira da Mulherada.
Vem comigo, minha irmã!

DIONISO

[Entra na dança como um mestre-sala.]

EvoÉ!

ÁGAVE

Hoje é o dia da Pomba.
É o dia da faca afiada, das unhas ferinas, das mordidas, das joelhadas.
Hoje é o dia do coice das amazonas e do bote da jararaca.
Vem comigo.

DIONISO

EvoÉ!

ÁGAVE

Hoje é o dia da Faxina.

É o dia de jogar no lixo a poeira da rotina,
de lavar a roupa da virgem maculada,
de esfregar o medo com água sanitária.

DIONISO

EvoÉ!

ÁGAVE

Hoje é o dia da panela batendo nas varandas da cidade.
É o dia em que o leite da criança será derramado.
O canto das lavadeiras vai dar as ordens,
e os varais vão estender bandeiras e estandartes.

DIONISO

Vá com todas as mulheres, Rainha.
A minha face pantera vai contigo.
A minha face taurina vai cobrar a dívida de Tebas.

ÁGAVE

EvoÉ! EvoÉ!



ESTÁSIMO II

[As mulheres de Tebas recebem as Bacantes que saem dos botes; As Bacantes ao sair dos botes levam as mulheres de Tebas para o bosque.]

[Coreografia do rapto de Perséfone]

[Dança / Música : *Agora é que são elas* – Itamar Assumpção. Agora é Ágave quem lidera a dança.]

A maré chego[oo]u, a maré enche[ee]u, a maré lavo[oo]u, a maré lambeu.

Evoé onda retinta do mar!

Evoé onda espumosa a quebrar!

A maré chego[oo]u, a maré enche[ee]u, a maré lavo[oo]u, a maré lambeu.

Marinheiro de onde você vem?

Marinheiro o que você quer?

Marinheiro no porto, manda a hora quem espera a maré!

Marinheiro o que você traz?

Marinheiro o que você viu?

Marinheiro no porto, manda a hora quem espera a maré!

A maré chego[oo]u, a maré enche[ee]u, a maré lavo[oo]u, a maré lambeu.

Evoé onda retinta do mar!

Evoé onda espumosa a quebrar!

A maré chego[oo]u, a maré enche[ee]u, a maré lavo[oo]u, a maré lambeu.

Eê, moça linda n'areia. Eê, moça vem me buscar.

Sou bacante da barca cheia, sou marinheira do mar.

Trago vinho da barca cheia, trago vinho pra festejar.
Eê, moça linda n'areia. Eê, moça vem me buscar.
Trago marafa e grão de aroeira, ô moça vem me buscar.

Eê, moça linda n'areia. Eê, moça vem me buscar.
Sou bacante da barca cheia, sou marinheira do mar.
Trago sangue da barca cheia, trago sangue pra derramar.
Eê, moça linda n'areia. Eê, moça vem me buscar.
Trago pimenta seca vermelha, ô moça vem me buscar.

Eê, moça linda n'areia. Eê, moça vem me buscar.
Sou bacante da barca cheia, sou marinheira do mar.
Trago fogo da barca cheia, trago fogo pra chamuscar.
Eê, moça linda n'areia. Eê, moça vem me buscar.
Trago chumbo na cartucheira, ô moça vem me buscar.



EPISÓDIO III

[Cadmo e Tirésias conversam sobre as Bacantes que chegaram e contam como elas atravessaram o mar e por que atravessaram o mar.]

CADMO

Tebas, Tebas! Cidade grega de Zeus,
cidade egípcia de Amon, cidade dos Djins de Zabut, minha cidade de Xangô!
A tua história é a minha história, eu sou o teu passado aqui presente.
Eu sou o teu antepassado, que envelhece junto a ti.
Eu sou a história do teu suor e o solo de teus edifícios.
Semeei os dentes do dragão às margens do Nilo,
E finquei as raízes da vinha junto às praias da Beócia,
Cavei as pedreiras fundas de Sambuca,
Cheguei de tumbeiro no Cais do Valongo, onde o crânio dos Tamoios foi enterrado.
Cem portas no deserto, Sete portas para o Egeu,
Sete pedras no caminho da Resinata,
Sete encruzilhadas da Glória até a Lapa.

TIRÉSIAS

Viste o último barco que aportou?

CADMO

Aquele repleto de mocinhas?
Conduzido por mais um marinheiro extravagante?
Parece que teve problemas na chegada.

TIRÉSIAS

Quase naufragou antes de aportar.

CADMO

Temo que isso gere outra crise de águas internacionais.
Os problemas de Tebas vêm de longe.
Qual era a bandeira do navio?

TIRÉSIAS

Parece que estava rasgada.

CADMO

A guarda costeira permitiu que aportasse?

TIRÉSIAS

De início não, mas as mulheres de Tebas o salvaram.

CADMO

Estranho. O que as teria compelido a descer à praia? Está faltando um pedaço nessa história.

TIRÉSIAS

Sei no que você está pensando.

CADMO

Muitas histórias, velho amigo.
Muitos sortilégios e destinos a cumprir.
O ciclo da terra cobra sete regiões. Sete vezes sete gerações.
Temo pelo que virá.

TIRÉSIAS

O jogo está sendo jogado.
As mulheres saíram da praia direto para o Bosque da Resina.

CADMO

Nossa tradição reza festejar hospitalidade.

TIRÉSIAS

As mulheres sabem cuidar do rito.

CADMO

Elas adoram os tecidos coloridos e as peles de animais.
Sabes se trouxeram perfumes exóticos e especiarias?

TIRÉSIAS

São náufragas migrantes, Cadmo, chegaram pobres, sujas e maltrapilhas.

CADMO

Nossas mulheres iludiram-se com essas fantasias?
O que há de tão interessante para deixarem seus lares?

TIRÉSIAS

Foi a música que as atraiu.

Não resistiram ao ritmo dos tambores e à melodia dos metais.

CADMO

Sei, um barco do balacobaco!
Sabes ao menos de onde veio?

TIRÉSIAS

Não sei se o barco chegou da Líbia ou da Síria, ou se veio de mais ao sul,
mas dizem que trazia ainda o cheiro sulfuroso da guerra.

CADMO

Gente insegura. Inventa histórias sempre que aportam forasteiros.
Contam histórias de covil da guerra
ou histórias de alcova e malandragem.
Muitas histórias. Muitas histórias.

TIRÉSIAS

Tu mesmo não contas o rapto de Europa?

CADMO

Enxergas longe, meu velho!

TIRÉSIAS

Chega de conversa.
Vamos subir! Está na hora de aproveitar a festa.

CADMO

Ah, velho libidinoso!
Não te enxergas? Não te cansaste de festas?

TIRÉSIAS

O corpo não dança como outrora, mas ainda sei alcançar os prazeres.
Vem, amigo velho!

CADMO

Tu me levas que eu te levo... Espera!

TIRÉSIAS

O que foi?

CADMO

Ouve. Meu neto está de volta.

PENTEU

[*Entra com coturnos.*]

Os lavradores chegaram cansados da vindima
e não havia uma mulher sequer para recebê-los em casa.

CADMO

Partiram todas para festejar no meio do bosque.

PENTEU

Não sei porque festejar a chegada de miseráveis.
Já não reclamam que encontrar emprego está difícil?
Onde essa gente vai trabalhar? Quem vai alimentar essas bocas?
Já estou vendo os assentamentos à beira da estrada;
não tarda e vão invadir as nossas fazendas e vinhedos.
A cidade não comporta essa gente estranha.

CADMO

A grande Tebas de sete portas?

PENTEU

Onde é que se lavam?
Com que novas doenças vêm contaminar nosso povo?
Além do mais, são todos fanáticos.
Adoradores de deuses estranhos podem fazer qualquer coisa com nossos filhos e nossas mulheres.
Parece mesmo que já fizeram.
As mulheres estão enfeitadas no bosque.

CADMO

O Bosque sagrado da Resina!

PENTEU

Em plena crise de orçamento, agora a prefeitura tem que arcar com esse problema!
Preciso convocar imediatamente a guarda municipal.

TIRÉSIAS

Calma Penteu, as mulheres estão festejando porque estão felizes.
Nós devíamos aproveitar e festejar também.

PENTEU

Festejar o quê?
Vocês dois não se enxergam?
Já não passaram da idade de frequentar essas gaiolas?

TIRÉSIAS

Não esqueça que a hospitalidade é a mais antiga das virtudes tebanas,
Desde que os íncolas receberam os gregos com cantos e presentes!
Pense primeiro em providenciar abrigo,
Não vá logo chamar a guarda municipal.
É nosso bem acolhê-los com amizade e fartura.
Não deita a perder os valores ancestrais.
Os estrangeiros chegaram em paz, fugindo da guerra.

PENTEU

[Reage]

Da guerra? Ficaste burro depois de velho, Tirésias?
Refugiado não tem ânimo para bacanal, não!
Os que lá estão são falsos refugiados, exploradores, aproveitadores.
Gente que inventou essa nova religião para legitimar a pouca vergonha.
Gente que usa a guerra como desculpa para nos invadir.
Os refugiados, se houver mesmo algum, são minoria,
e, a essa hora, certamente não estarão no bacanal!

CADMO E TIRÉSIAS

Evoé, BACO!

Evoé BACO do balaco-Baco!

PENTEU

Mas os piratas, os velhacos, os sequestradores, os fora-da-lei,
os mafiosos e criminosos que escaparam da prisão
ou que foram expulsos de seu próprio país;
esses são a maioria, esses sim com toda certeza estarão.
E você vem me dizer que devemos acolhê-los!
[*Volta-se para a plateia.*]
Mas por que deveríamos acolhê-los?

CADMO E TIRÉSIAS

Evoé, XENOS! Evoé ton proxenaion! Awurê OBÁ! Awurê JEJEOBÁ!

PENTEU

Já não basta o tanto que nos invadiram?!
Já não nos pesam, Tirésias,
os fardos e rebentos de séculos de miscigenação e promiscuidade?
Já não vês, meu avô, tudo isso em nossas ruas e casas?
Não vos parece que foi a África que nos colonizou e não o contrário?

[*Toca o adarrum.*]

E não venham me falar de ONGS e ajuda humanitária,
como se os tebanos já não precisassem mais da nossa ajuda
e da nossa humanidade.

[*Toca o adarrum.*]

Ou será que além de cego você agora também é surdo, Tirésias, e ainda não ouviu
que essa turba é liderada por um velhaco que se diz meu primo?
Claro que os outros vão se dizer primos, filhos e netos deste um,
E daqui a pouco já serão todos cidadãos tebanos e teus parentes, meu avô.
Temos que expulsá-los o mais rápido possível!
Antes que os germes de mais uma invasão contaminem o ventre de nossas mulheres.

[*Toca o adarrum.*]

Hospedagem é para os hóspedes, Tirésias, e Tebas é para os tebanos.
Para os estrangeiros, a lei!

[*Dirige-se a Dioniso, que aparece do fundo.*]

Soldados, prendam este Estrangeiro!

[Os guardas (bacantes) trazem Dioniso acorrentado.]

CADMO

[Cadmo defende Dioniso estrangeiro e deus das vinhas – texto adaptável a cada lugar]

Penteu, não blasfeme contra o Estrangeiro!
Não sabes que esta é uma das faces de Dioniso?
Deus de tantas máscaras a quem consagramos as terras férteis de Tebas!

Nós somos nascidos desse pó que vem do ventre da Terra,
barro regado pelas cinco fontes sagradas do Monte Adranone que descem pelo Corcovado.
Elas desembocam trazendo os elementos da vida
do reluzente Lago Arancio até as águas da Guanabara.
Somos todos a mistura de tantas fontes,
Nossa riqueza é o produto sagrado da terra,
Misturado ao suor dos homens e das mulheres.

O espírito de nosso vinho é Dioniso renascido.

Não sabes que somos o oriente fenício e o ocidente grego?
Cariocas tupinambás e villegaignons protestantes?
Que somos o mar de Cartago e o sol de Roma?
A pólvora de Estácio de Sá e o arco do caboclo Tamoio?
Que somos filhos de Bizâncio e de Granada? de Benguela e da nobreza Nagô?
Hibleus hospedeiros, sicanos viajantes, somos sírios, libaneses e judeus mercantes.
Sarracenos expedicionários, Órficos cultivadores. Pescadores de pargos e cafeicultores.
Evoé Brômio! Evoé Xênos! Evoé Baco!

PENTEU

[Penteu começa a acorrentar Dioniso.]

Baco... Baco... Baco...
Vocês repetem ainda esses mitos infantis? Vivem contos de fantasmas?
Baco, Dioniso, Zabut, Orixás, Yabás, Emires e Príncipes...
Acorda, meu avô! Enxerga, Tirésias!
Nós pagamos impostos à Comuna e à República.
Contratamos camponeses pagando salários.
Há quanto tempo já usamos tratores em vez de arados de bois?
Velhos, o tempo não volta.
Nossas uvas passam por prensas hidráulicas.
O mosto é fermentado em tonéis de alumínio.
A produção agrícola segue o padrão industrial.
Novas rolas de fibra plástica. Garrafas de vidro temperado.
Design moderno nos rótulos. Controle de origem garantida.

[Penteu começa a delirar e passa a ser acorrentado por Dioniso.]

Ações na bolsa, aplicativos de última geração,
produtividade aumentada, lucros, pré-vendas.
Insumos químicos, sementes transgênicas,
Esteiras, catracas, empilhadeiras,

travas, torneiras, termômetros,
ácidos, calcários, sulfitos,
polímeros, plástico, vidro, metal!

TIRÉSIAS

[Penteu continua na sua loucura ao fundo.]

O caminho está traçado.
Um homem não pode subjugar-lo.
É mais forte que a dança do rio e arrasta como a valsa dos ventos.

CADMO

Penteu, meu neto, queres prender os marinheiros e suas viagens?
Tu queres segurar o movimento das ondas?
Observas tudo a volta:
o teu reino não se mede com o mar.

TIRÉSIAS

Ávidos olhos do engano, não veem o que se perde, perdem o que se vê...



ESTÁSIMO III

CORO DE BACANTES

[Dançam ao redor de Penteu acorrentado.]

Ácidos, calcários, sulfitos!
Polímeros, vidro, metal

[Dançam ao redor de Penteu e evocam o esquartejamento de Dioniso.]

Ácidos, calcários, sulfitos!
Polímeros, vidro, metal

VOZ BASE (todo mundo)

Sem pé, nem mão.
Nem, não, nenhum.

VOZ 2

Nem joelhos, mãos atadas,
Nem pescoço, nada, nada.

VOZ 3

Nem parafuso, cabeça, catraca,
Nem revoada, nem roda dentada.

[Repete...]

cabeça, catraca,
volante, dedo, parafusos,
mãos atadas, revoada metálica,
roda dentada, nada.

pernas, joelhos, coxas,
pneumáticos, suspensão hidráulica,
unhas, porcas, pentelhos,
óleos, petróleos, gases.

bancos de couro, sexo roxo
marcha engatada, pedal pisado fundo
viscoso toque, torque retrorotor
cheiro de benzeno, cano.

travas elétricas, dentes trincados,
medidores de luz e de temperatura,
lábios premidos, alertas, porta-luvas,
gosto de borracha, barra.

retrovisor, reflexo na retina,
membro engatado, farol que pisca,
grade alada, capota aberta,
acolchoado, pele.



EPISÓDIO IV

[Penteu é levado por Dioniso a ir de mulher até a festa das Bacantes.]

PENTEU

Estrangeiro, livra-me destas correntes!

DIONISO

Tirano, as correntes são suas. Somente você delas pode se livrar.

PENTEU

Estrangeiro, devolve as mulheres à cidade! Os homens estão atordoados e não querem voltar ao trabalho.

DIONISO

As mulheres estão livres no bosque. Você as quer novamente acorrentar?

PENTEU

Quero-as femininas, recatadas, cuidando do lar sagrado...

DIONISO

...e muito obedientes aos seus maridos?

PENTEU

Lá no bosque, já devem estar esfarrapadas, descabeladas,
com as axilas peludas como as que chegaram da praia,
com salsugem e cheirando a peixe.

DIONISO

Ao contrário: dizem que a mandrágora, o alecrim e a resina do bosque,
junto com o almíscar, e o benjoim trazidos do oriente
estão exalando odores divinos.

Você não gostaria de ir até lá e meter o nariz?

PENTEU

Estrangeiro, livra-me destas correntes e leva-me até o bosque, eu mesmo irei buscá-las!
Com meus braços e com meu nariz!

DIONISO

Quer seu livramento, Penteu? Para tirá-lo das mulheres?

PENTEU

Quero me livrar, Estrangeiro. E vou livrar as mulheres daquela loucura.

DIONISO

Eu líbeto, Penteu. Mas como você pretende convencer as mulheres?

PENTEU

Convencer?

Eu vou ordenar que voltem já para suas casas.

DIONISO

Vai botar o pau na mesa, no meio do bosque?

Nenhuma mulher vai ouvir e as Bacantes vão castrar os guardas.

PENTEU

As Bacantes são perigosas? Então vou assumir outro lugar de fala.

DIONISO

Ah! Vai baixar o falo.

E também vai mudar a fala?

PENTEU

[Muda de fala.]

Serei mulher no corpo de homem,
ou melhor, um homem nas roupagens de mulher!

DIONISO

Que babado!

PENTEU

Sim, vou mudar meu penteado.
Vou pintar o meu rosto de rouge, lápis, sombra e batom.
Vou raspar meus pelos e pentelhos todinhos. Ai! Ui!
Vou vestir uma saia de oncinha e um tomara-que-caia de pele de cobra.
No bosque, não serei mais esse Penteu tirano.
Serei uma gitirana Plebeia.

DIONISO

Revela-se a fala.

PENTEU

Levarei às Bacantes uma notícia falsa, disfarçado de mulher.

DIONISO

Qual vai ser a bagaceira? Que notícia falsa vai levar?

PENTEU

Deixe-me pensar...
[...]
Que seus filhos correm perigo.

DIONISO

Como assim?

PENTEU

Direi... direi que os professores na escola querem seduzi-los e corrompê-los.
Vou dizer... vou dizer... que andam ensinando coisas erradas,
Que andam contando histórias antigas e depravadas,
Direi... direi...

[Muda como se no tirano, de supetão, baixasse uma Pomba-gira]

Que tão querendo comer os seus cus!
Tão querendo comer!
Tão querendo comer os seus cus!!!

DIONISO

Balacobaco! Vais mandar um falso!

PENTEU

Em nome de Jesus!

DIONISO

Não blasfema, Penteu. Olha o ekê!

PENTEU

Pela família, estrangeiro! É só uma farsa. É uma máscara.

Tão querendo comer os seus cus!!!

DIONISO

[Assume o comando.]

Edi, edi. Desenrosca.

Sai do armário, ocó da coroa.

De máscaras e mascarados eu entendo, Penteia, relaxa.

Vem que eu te dou livramento.

PENTEU

Aloka!

Tem máscara pra mim?

DIONISO

Vai de cara ou de coroa?

De pessoa ou personagem?

PENTEU

Penteia? Pentesileia? Tem máscara?

DIONISO

Presente, ausente, de papel representado,

De touro a pantera, de águia a serpente.

Tenho máscaras de todas as gentes.

Todas as espécies, todas as raças, todos os gêneros,
homo, hétero, bi, cis, trans, tudo.

Mulher no corpo de homem. Homem no de mulher.

PENTEU

Essa!

DIONISO

Máscaras e máscaras...

De frente, de costas, com três ou com quatro.

Invento todas.

Olha essa máscara de loba.

PENTEU

Quanta máscara! Quero uma de Bacante!

DIONISO

Evoé! Odara!

Vamos aqüendar a neca.

Olha essa máscara felina.

A de hiena acho que não te cai bem, muito vulcânica, sabe.

Se queres transformar-te em uma bacante ferina, veste esta aqui.

Um luxo.

[Dá-lhe a máscara de leoa.]

PENTEU

Me passa o espelho. Acho que eu tô meio barbie.
Vou aquendar o baco.
Deixa eu esconder o meu chuchu e ajeitar esse cacho.
Pronto.
Então, assim, caiu bem?
Tô bem trabalhada?
Uma gata? Uma pantera?

DIONISO

Que pantera! Uma leoa de pelos lustrosos.
Arrasou, bee!
Tá na hora.
Desaquienda.
Vamos pro bas-fond da Resina.

PENTEU

Vamos! Quero ver o baile das aranhas.
Liga o teu pisca-alerta.
Tô muito afim dessa pegação.
Quero ver se aquelas quengas vão mesmo colar o veltro.

DIONISO

Meu erê já aprendeu o pajubá.

PENTEU

Eh! Baco do balacobaco.



ESTÁSIMO IV

CORO

[Festa das Bacantes/ incensório feminista]
[Dança / Música : *Agora é que são elas* – Itamar Assumpção]

No barco do balaco, obá!
No barco do balaco, Baco!
No bosque do balaco, obá!
No bosque do balaco, Baco!

Balancei nas ondas do mar, balancei minha vela ao vento.
Levei minha rede à praia e arrastei no barravento.
Pesquei no balanço do mar.
Pesquei pela noite adentro.
Odara me vai levar, no balanço do momento,
Odara me vai levar no balanço do momento.

No barco do balaco, obá!
No barco do balaco, Baco!
No bosque do balaco, obá!
No bosque do balaco, Baco!

Balancei nas ondas do mar, balancei minha vela ao vento.
Levei meu amor à praia e o deitei no barravento.
Namorei no balanço do mar.
Namorei pela noite adentro.
Odara me vai levar, no balanço do momento,
Odara me vai levar no balanço do momento.

No barco do balaco, obá!
No barco do balaco, Baco!
No bosque do balaco, obá!
No bosque do balaco, Baco!

Balancei nas ondas do mar, balancei minha vela ao vento.
Levei minha faca à saia e a saquei no barravento.
Quando digo que não é não,
Sigo a noite, noite adentro.

Odara me vai levar, no balanço do momento,
Odara me vai levar no balanço do momento.

Na resina do bosque, incensar o pensamento .
Odara me vai levar no balanço do momento.

Argila do lago de prata no brilho do atrevimento.
Odara me vai levar no balanço do momento.

Moura livre, Vila Maura, vira a saia a cada vento.
Odara me vai levar no balanço do momento.

A vinha que me engavinha vai me dar um livramento.
Odara me vai levar no balanço do momento.

A vinha que me engavinha vai me dar um livramento.
Odara me vai levar no balanço do momento.

Odara me vai levar no balanço do momento.
Odara me vai levar no balanço do momento.



EPISÓDIO V

[Ágave dirige o êxtase bacante com um discurso radicalmente antipatriarcal. A sua purificação é feita com o sangue do próprio filho.]

ÁGAVE

Vou fincar sete tocos de pinho, e plantar sete galhos de vinha.
Vou purificar-me de uma vez, do sangue da minha família.
Sangue de raptos e estupros,
onde os touros se arrogam ter vez.

BACANTES

Agavê! Evoé! Agavê! Evoé!

ÁGAVE

Vou fincar meu primeiro toco pelo rapto de Europa fenícia.
Touro branco a levou pro mar alto de braço a braçada.
Meu segundo toco vou fincar por Pasifae cretense,
pelo Touro branco violada e emprenhada.
O terceiro dos tocos eu finco por Creusa de Creonte,
a virgem filha envenenada.
Finco agora o quarto toco, por Medeia mãe estrangeira,
que ao touro venceu e por Jasão foi repudiada.
O toco quinto eu finco para Ariadne que venceu o Minotauro,
e na ilha morreu abandonada.
O sexto toco de pinho, finco por Sêmele irmã,
seduzida e depois fulminada.
O sétimo toco de pinho, que fecha este cercado,
é meu, Ágave, filha e mãe de reis, nunca mais subjugada!

BACANTES

Agavê! Evoé! Agavê! Evoé!

ÁGAVE

Sete gerações de mulheres violadas,
sete gerações para fundar uma praça,
sete gerações de Tebas de sete portas para fincar os poderes do macho.

BACANTES

Não sou filha do pai! Nem esposa de marido!
Não sou dona de casa! Sou dona do meu umbigo!

[Penteu e Dioniso chegam ao Bosque da Resina.]

ÁGAVE

Bacantes ferinas no cio, Bacantes do Bosque selvagem,
Mulheres libertas de Tebas, Mulheres da vida embriagada!

Vamos cortar as cadeias de rotina
da engrenagem do patriarcado!

BACANTES

Não sou filha do pai! Nem esposa de marido!
Não sou dona de casa!
Sou dona do meu nariz!

ÁGAVE

Eu não sou a tua virgem nem sou a tua cadela,
não sou tua escrava e não sou tua senhora,
não sou tua é nada eu sou é minha nessa hora.

BACANTES

Não sou filha do pai! Nem esposa de marido!
Não sou dona de casa!
Sou dona da minha boca!

PENTEU

Essas mulheres estão loucas.

DIONISO

Elas estão mais lúcidas do que nunca.

PENTEU

Nunca vi tanta mulher.

DIONISO

Agora elas estão juntas.

ÁGAVE

Não sou filha do pai! Nem esposa de marido!
Não sou dona de casa!
Sou dona da minha boceta!

PENTEU

É a minha mãe, Estrangeiro!
Ela está completamente louca e desbocada.

DIONISO

Agora, a tua mãe é a mais lúcida de todas, Penteu.

[Ágave percebe os dois, mas vê as máscaras de Sêmele e de um leão.]

ÁGAVE

Sêmele, você outra vez? Cuidado!
Tem uma fera do teu lado. Ela quer te devorar!

DIONISO

Já nos viram. Vamos entrar e dançar com elas.

[Penteu agarra a mão de Dioniso.]

ÁGAVE

Solta minha irmã, fera, pantera, leão da montanha!
Solta, que eu te mato!

PENTEU

Mãe, sou eu, Penteu! Teu filho: Penteu!

DIONISO

Teu disfarce é tão bom que ela não te reconhece.

PENTEU

Mãe, sou eu, Penteu! Teu filho: Penteu!

ÁGAVE

Bacantes, vamos cercar a fera!

BACANTES

Agavoé! Agavoé!

ÁGAVE

Eis o leão espelho do homem engolido pelo bosque.
Ele ruge como um trovão.
E nós cantamos como as feras!

BACANTES

Humanas feras !

ÁGAVE

Gritem feras femininas!

BACANTES

Manas feras !

ÁGAVE

Dancem feras humanas!

BACANTES

Felinas feras !

ÁGAVE

Ai, desejo incontido de mesclar os membros e semear a vida !

BACANTES

Todas as praias que se encontram no vasto oceano.

ÁGAVE

Quando as ondas ressoam a litania dos naufrágios,
É a hora de nadar com os golfinhos.

BACANTES

Evoé, minha mãe! Trazei o raio e a tempestade!

ÁGAVE

Rodopiem no alto com rajadas celestes!
Emerjam do abismo os condores ancestrais!
Rastejem pelo bosque como o rio da serpente!

Exalarei o odor das panteras para seduzir as presas.
Encantarei os gestos com o brilho do olhar.

Darei o bote!

Mostrai vossas garras, Bacantes! Mostrai vossos dentes!

BACANTES:

Cortai a cabeça do Leão tirano! Cortai a cabeça da usina ferina!
Cortai a cabeça deste ministro da discórdia! Cortai a cabeça da fera mentira!
Cortai a cabeça gananciosa! Cortai a cabeça do fascista!

TODOS

Nenhuma gota de sangue caia sobre os pés!

[Ágave corta a cabeça de Penteu.]

ÁGAVE

Eis o meu troféu de caçadora. A cabeça de um leão tirano.



ÊXODO

[Ágave, Dioniso e todas as mulheres retornam a Tebas com a cabeça de Penteu como estandarte.]

ÁGAVE

Tebas, abre tuas portas à mãe do rei, e a todas as mulheres tebanas e bacantes.
Matamos uma fera no bosque.
Matamos o leão carniceiro.

[À porta de Tebas estão Tirésias e Cadmo. Ao ver a cabeça de Penteu, Cadmo se prostra de joelhos.]

CADMO

Amaldiçoada estirpe de Tebas! Sete vezes amaldiçoada!

O que fizeram vocês no Bosque da Resina?

ÁGAVE

Matamos uma fera no bosque. Matamos o leão carniceiro.

CADMO

Loucas! Vocês todas estão loucas!

Ágave, o que carregas em tuas mãos?

ÁGAVE

Ai. Uma gota de sangue caiu sobre meu pé.

É o sangue do leão.

CADMO

É o sangue do meu sangue, filha.

É o sangue do teu sangue.

É o sangue do meu neto. O sangue do Rei Penteu!

[Ágave olha para a cabeça do filho e retira devagar os seus adereços. Anagnórise]

ÁGAVE

Aaaaaaahhh!

Amaldiçoada mulher! Amaldiçoada estirpe!

Amaldiçoadas gerações! Amaldiçoada cidade!

Sete vezes amaldiçoada! Que loucura tomou conta de mim?

O que meus olhos enxergam? Por que não enxergaram antes?

Quem trocou a cabeça do leão pela do meu filho?

Quem trocou a cabeça do meu filho pela do leão?

Quem trocou em sangue meu rito de lavagem?

Quem me fez lavar as mãos com sangue do meu sangue?

Quem fincou sete estacas no meu coração?

Matei um animal selvagem. Não matei um animal. Matei um homem.

Matei o rei. Matei o meu filho.

Mulher amaldiçoada! Mãe amaldiçoada!

Meu filho Penteu está morto,

Porque matei o meu filho Penteu.

BACANTES

Agavê! Evoé! Agavê! Evoé!

[Peripécia e segunda anagnórise: Ágave se reconhece como quem foi sacrificada.]

ÁGAVE

Calem-se mulheres! Calem-se todas e todos!

Ouvi meu pranto e desespero.

Como sou cega! Como sou cega!

A sétima geração de mulheres foi pelas minhas próprias mãos sacrificada!

Matei o meu filho Penteu.

Sua cabeça cortada agora me despedaça o coração.

Seu corpo desmembrado em meus braços esquarteja minh'alma desgraçada.
Sangue do meu sangue sobre mim.
Sangue indelével que nenhuma fonte é capaz de lavar!
Mãe entre todas as mães, em meu colo tenho toda a dor do mundo.
Maculada nas mãos, maculada nos pés,
maculada no ventre e nos olhos,
e maculada até o fundo sem fundo de minh'alma.
Crime que eu perpetrei, crime que eu mesma vinguei.
Desgraça sobre mim.
A desgraça novamente se abate sobre Tebas.
Por que sou tão cega, Tirésias ?

TIRÉSIAS

Tu enxergas, Ágave. Abre duas vezes teus olhos.
Tuas mãos mataram o leão tirano.
As tuas mãos lavaram as sete portas da cidade!

ÁGAVE

Amaldiçoada mãe! Amaldiçoada mulher!
Amaldiçoada estirpe!
Amaldiçoadas gerações de raptos e violações!
Amaldiçoada cidade! Sete vezes amaldiçoada!
O sétimo toco de pinho, que fechou o cercado, é o meu, Ágave, filha e mãe de reis,
pelas minhas próprias mãos subjugada!
Pelas minhas próprias mãos sacrificada!
O sétimo toco de pinho cravado no meu coração.

DIONISO

Evoé! Tebas onde nasci! Evoé, minha terra desterrada!
Reconheçam a força da folia! Evoé! E o impulso da liberdade!
Nenhum tirano vai me deter.
Nenhum tirano vai me impedir de entrar.
Sete portas tem esta cidade, sete arcos se abrem para dar passagem.

Nos corações o sopro ofurufum da vontade,
pétalas rubras de ardentes desejos!
Salve a rebeldia e a voragem da águia selvagem!
Que muralhas e fronteiras se quebrem
sob meus galhos torcidos de vinha.
As almas que urram ao vento
Agitam as folhas dos abetos.
Firmes, penetram mais e mais as minhas raízes.

Dancem! Dancem Bacantes! Dancem!
Do fundo da terra nos saís calcinados dos Titãs!

Dou meus prazeres com mãos de poeta,
tecendo versos de sangue na carne.
Eis o cheiro imortal dos jacintos para esquecer a sede.

Eis o alívio secreto dos lírios da noite.
Os grãos de Demeter aos que ainda têm fome!

Descerei dos altos montes rasgando as cortinas da neblina.
Destroçarei os véus do medo e da opressão.
Num relance, Aurora reacenderá o fogo de cada um,
um por um,
incêndio contagioso incontornável.
Subam ao Olimpo as fagulhas das labaredas!
Tragam de volta o âmago perdido no vale das sombras
e abram-se as clareiras ao instinto da pantera.

Sempre vivo, hei de voltar em outra forma de vida,
a caminhar pelas estradas – andarilho divino – Estrangeiro!
a navegar pelos mares – marinheiro dos degredos – Estrangeiro!
Em meus olhos a perigosa verdade:
Oh vontade atrevida!
Oh vontade atrevida de vida!

BACANTES

Cortei a cabeça do Leão tirano! Cortei a cabeça da usina assassina!
Cortei a cabeça do ministro da discórdia! Cortei a cabeça da mentira!
Cortei a cabeça gananciosa! Cortei a cabeça do fascista!

ÁGAVE

Mãe amaldiçoada! Amaldiçoada tirania!
Amaldiçoada seja toda tirania!

BACANTES

Agavê! Evoé! Agavê! Evoé!

DIONISO

E com canto vociferante, honrem a mim, Deus Dioniso, mortal imortal,
filho de Zeus, propulsor dos desejos da vida indestrutível.
Bebei agora meu corpo na singela taça e se extinga a angustia da opressão.
Levantai o tirso, evocai a lágrima e o riso,
acima, muito acima de qualquer coroa.

FIM

